

FRENTE: PORTUGUÊS II

PROFESSOR(A): SOUSA NUNES

ASSUNTO: PRÉ-MODERNISMO I, II E III

EAD – ITA

AULA 15



## Resumo Teórico

### Contexto histórico

Pré-Modernismo é o período de transição que vai do início do século XX até a Semana de Arte Moderna (1922). Pré-modernistas seriam as obras que fugiram dos esquemas rígidos da tradição e problematizaram a sociedade e a literatura do tempo, antecipando, com isto, as conquistas do Modernismo. *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, e *Canaã*, de Graça Aranha, marcam o início de semelhante postura. Ambos foram publicados em 1902.

Os primeiros anos do século XX são profundamente marcados por duas espécies de mudanças, uma de ordem tecnológica e outra de ordem política. No primeiro caso, aprimoram-se as máquinas de combustão. O automóvel e o avião dão um aspecto agressivamente progressista ao transporte, deixando distante a recente data de 1899, quando Santos Dumont contornou a Torre Eiffel num dirigível. A eletricidade é aplicada nas indústrias e, em grande escala, na iluminação urbana. O cinema, criado em 1895, começa a aprimorar-se na procura da sincronia entre imagem e som.

### Fatos locais

As derradeiras décadas do século XIX e as primeiras do século XX constituem um período conturbado para o Brasil. Sua política pode ser dividida em dois momentos: a **República da Espada** (governos militaristas, de 1889 a 1894) e a **República Café com Leite** (oligarquia civil oriunda da cultura do café e do gado, de 1894 a 1930). Neste período, houve a grande crise econômica do Encilhamento e várias rebeliões populares.



Canudos

Mas, como nem todos podiam ser controlados, o início da República foi marcado pela revolta e pela luta armada

- na Bahia, a **Guerra de Canudos** (1896-1897) na qual milhares de sertanejos, liderados por Antônio Conselheiro, foram massacrados pelos canhões e pelas metralhadoras das tropas federais;
- no Rio de Janeiro, a **Revolta da Vacina** (1903), que foi um protesto do povo mais contra a opressão do que contra a vacinação obrigatória, promovida por Oswaldo Cruz, para erradicar a febre amarela;
- ainda no Rio de Janeiro, a **Revolta da Chibata** (1910), em que aproximadamente dois mil marinheiros, liderados por João Cândido, apoderaram-se de navios de guerra para exigir o fim dos castigos corporais a que eram submetidos;
- em Santa Catarina, a **Guerra do Contestado** (1912 a 1916), da qual participaram cerca de cinquenta mil camponeses, liderados pelo monge José Maria. Suas vilas santas, projeto de um "reino milenarista", foram arrasadas por tropas do Exército, que utilizou, pela primeira vez no Brasil, a aviação de guerra.

Também, nesse período, São Paulo é palco de inúmeras greves operárias, as mais significativas delas ocorridas em 1917.

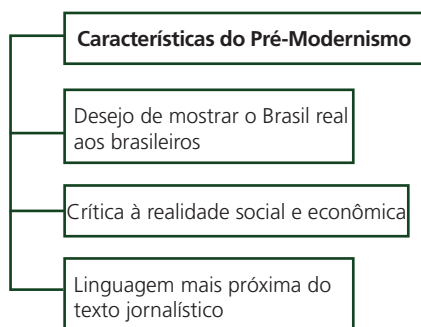
## Tradição e renovação na Literatura

Apesar do quadro histórico descrito anteriormente, poucos foram os literatos que observaram criticamente a realidade da época. A grande maioria repetia o que se fazia na Europa e cultivava o beletismo, frequentando cafés (ponto de encontro dos intelectuais) e buscando prestígio social através da literatura. Repetiam-se os padrões da estética parnasiana e simbolista e preocupava-se mais com a maneira de dizer do que com o que havia de ser dito.

Dessa forma, o que se produziu em literatura pouco ou nada tinha que ver com a realidade social brasileira.

**Lima Barreto, Euclides da Cunha e Monteiro Lobato**, fugindo à regra, foram escritores que viram com olhos críticos a realidade nacional, construindo uma obra renovadora. Na poesia, destacou-se **Augusto dos Anjos**.

Outros escritores também merecem ser mencionados: **Graça Aranha, Valdomiro Silveira e Simões Lopes Neto**. Os dois últimos são considerados precursores do moderno regionalismo brasileiro, e **Graça Aranha** não se notabilizou apenas por romper com a Academia Brasileira de Letras, ao aderir ao movimento modernista de 22, mas também por ter escrito uma das obras que assinalam o início de uma literatura menos alienada: *Canaã*.



## Renovação estilística

Inúmeras tendências estilísticas do Segundo Oitocentos (Realismo, Naturalismo, Parnasianismo, Simbolismo, Impressionismo) persistem nas primeiras décadas do século XX. Uma nota, porém, parece ser exclusiva do espírito prenunciador da modernidade: a fusão do popular com o erudito. Vocábulos de origem científica mesclam-se constantemente com outros do domínio popular urbano ou regional. Os resultados mais eficazes desta fusão vocabular encontram-se em Euclides da Cunha e Augusto dos Anjos. Em ambos os autores, semelhante procedimento resulta da aguda consciência do cansaço das formas estereotipadas do dizer literário.

Vejamos dois exemplos:

“Não faltavam balas. A goela larga dos bacamartes aceitava tudo: seixos rolados, pedaços de pregos, pontas de chifres, cacos de garrafas, esquirolas de pedras.

Por fim, não faltavam lutadores famanazes, cujas aventuras de pasmar corriam pelo sertão inteiro.”

Euclides da Cunha, *Os Sertões*.

“A manga, a ameixa, a amêndoa, a abóbora, o álamo  
E a câmara odorífera dos sumos  
Absorvem diariamente o ubérrimo húmus  
Que Deus espalha à beira do teu tálamo!”

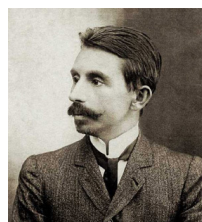
Augusto dos Anjos. “Os doentes”, *Eu*.

## A prosa pré-modernista

Alguns escritores da época, fugindo àquela atitude diletante, realizaram obras de inestimável importância no tocante à interpretação da realidade brasileira. Num momento em que uma apatia pesada parecia dominar as letras nacionais, lançaram escritos que, se não chegaram a despertar a todos, pelo menos fizeram com que os brasileiros mais conscientes voltassem a atenção para os problemas sociais que afligiam o País. São os pré-modernistas. Abriram caminho para o reencontro dos brasileiros com o Brasil, o que se concretizou ao tempo do Modernismo.

O Pré-Modernismo apresentou, de um lado, o romance social de Graça Aranha e Lima Barreto, este, revelando o subúrbio carioca com seus modestos habitantes (pequenos funcionários públicos, militares aposentados, marginais etc.) e aquele, os problemas de integração dos imigrantes alemães em nosso meio. De outro lado, os regionalistas como Afonso Arinos, Simões Lopes Neto e outros, que, superando o idealismo e o pitoresco da fase romântica, procuraram apreender as peculiaridades que os grupos sociais de certas regiões apresentavam. Principalmente a sua linguagem típica, em virtude da qual adquire o regionalismo maior autenticidade e força expressiva. Tivemos ainda a extraordinária obra de Euclides da Cunha: *Os Sertões*, talvez uma das maiores obras de interpretação da realidade nacional.

## Euclides Rodrigues Pimenta da Cunha



Wikimedia Foundation

Euclides da Cunha

\* Cantagalo, Santa Rita do Rio Negro (RJ) – 20/01/1866  
† Rio de Janeiro, assassinado (RJ) – 15/08/1909

## Vida

- Órfão aos 3 anos de idade, foi confiado aos cuidados de uma tia e, por morte desta, a outra tia.
- Em composição de adolescente já revela pendores democráticos e abolicionistas: tendências liberais. Revelou-se interessado pela nossa realidade econômica e política.
- Tendo sido admitido na Escola Militar, em 1886, foi desligado do Exército por causa de um incidente, em que se desfeiteou o Ministro da Guerra (1888). Com o advento da República, foi readmitido, seguindo carreira rápida de brilhante ascensão. Após pedir baixa, em 1898, passou a viver como engenheiro e jornalista.

## Obras

*Os Sertões* (1902);  
*Peru versus Bolívia* (1907);  
*Contrastes e Confrontos* (1907);  
*À Margem da História* (1909);  
*Canudos: Diário de uma Expedição* (1939) – publicação póstuma.

## *Os Sertões* (1902)

*Os Sertões* é um dos livros mais importantes de nossa literatura. Concebido segundo o esquematismo rigoroso do determinismo de Taine, para quem o homem é produto do meio (Geografia), raça (Biologia) e momento histórico (Cultura), o livro divide-se em três partes: “A Terra”, “O Homem” e “A Luta”.

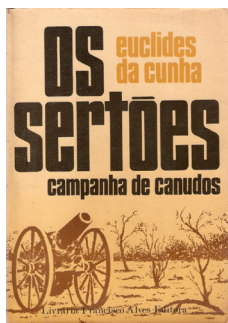
- “A Terra”: portentosa descrição do sertão brasileiro. Começa por um apanhado geográfico e geológico do Sul do Brasil, indo até o Nordeste. Localizado com extremo rigor técnico o lugar em que se daria a luta, o autor detém-se numa descrição viva e dinâmica do clima, da fauna, da flora, da constituição geológica do solo.
- “O Homem”: dissertação empolgante sobre o sertanejo. Inicia por considerações acerca dos três componentes étnicos de que deriva o mestiço brasileiro: o branco, o negro e o índio.
- “A Luta”: violentíssima narrativa da repressão governamental sobre os rebeldes de Antônio Conselheiro. Detém-se com fidelidade de historiador aos fatos, datas e pormenores de contingente humano e de municiação.

## Análise

Antes de acompanhar a quarta e última expedição das Forças Armadas contra os rebeldes de Canudos – vistos até ali como monarquistas ferozes, desejosos de minar as bases republicanas através de uma ação restauradora – Euclides da Cunha escrevera um artigo: “A nossa Vendaia”. Nele, comparava os fanáticos de Antônio Conselheiro aos grupos reacionários que procuraram destruir a Revolução Francesa. O artigo traduzia a opinião geral da população litorânea a respeito dos acontecimentos. E foi preparado para deparar com uma horda antirrepublicana que Euclides partiu para o sertão baiano.

Porém, à medida que se aproxima do campo de batalha, e a miséria do meio, a coragem e a ingenuidade do sertanejo se descortinam diante de seus olhos, ele começa a descobrir se observava uma grande tragédia, cujo motivo central era o atraso, a ignorância, o esquecimento a que ficavam reduzidos os povos do interior brasileiro. O massacre dos fiéis de Conselheiro pelas tropas legalistas permaneceu em sua consciência.

De volta ao Sul, põe-se a escrever *Os Sertões*. Espírito científico, quis dar base sólida para o que observara. Estudou Geografia, Psicologia, Sociologia, Botânica etc. As fontes disponíveis eram europeias. Com elas, acreditava estar explicando a existência física, social e humana do sertão brasileiro. O lamentável é que as ideias manuseadas pertenciam à “ideologia do colonialismo”, ou seja, o conjunto de representações, pensamentos e teorias desenvolvidas na Europa imperialista das últimas décadas do século XIX. A visão colonialista, assumida por Euclides, poderia ser esquematizada assim:



Reprodução/Editora Francisco Alves



Wikimedia Foundation

## Determinismo

### Geográfico

- O homem como produto do meio natural.
- O papel preponderante do clima na formação do meio.
- A impossibilidade civilizatória em zonas tórridas, como o sertão.

### Racial

- Os cruzamentos raciais enfraquecem a espécie.
- A miscigenação conduz os homens à bestialidade e a toda espécie de impulsos criminosos.
- O sertanejo é o caso típico de hibridismo racial.

## Histórico

- Uma cultura, como a sertaneja, que, por ausência de contato, não reproduz o “progresso” e as várias revoluções tecnológicas, operadas nos países centrais, será historicamente atrasada e tende a “anomalias”, a exemplo de Canudos.

Ao fundamentar-se nesses postulados, o autor envolveu o seu texto numa contradição: as observações são justas e brilhantes; as teorias, acúmulos de erros. Nelson Werneck Sodré explicita a ambiguidade:

“Existe em Euclides da Cunha um dualismo singular: enquanto observa, testemunha, assiste, conhece por si mesmo, tem uma veracidade, uma importância, uma profundidade e uma grandeza insuperáveis; enquanto transmite a ciência alheia, ainda sobre o que ele mesmo viu, conheceu, descaí para o teorismo vazio, para a digressão subjetiva, para a ênfase científica, para a tese desprovida de demonstração.”

Dentro do esquema determinista e positivista, a obra se divide em três partes, delimitadas com rigor:

### A TERRA – O HOMEM – A LUTA

Na primeira parte, temos a visão cientificista do Naturalismo: o meio geográfico opressor, com sua vegetação pobre, o chão calcinado, a imobilidade e repetição da paisagem árida. Em “O homem”, a questão racial avulta, interpenetrando-se com as influências mesológicas. Agora, a duplicidade de Euclides manifesta-se diretamente. Existe o sertanejo “sub-raça”:

“O sertanejo do Norte é, inegavelmente, o tipo de uma subcategoria étnica já constituída. (...)”

De sorte que o mestiço – traço de união entre as raças, breve existência individual em que se comprimem esforços seculares – é quase sempre um desequilibrado. (...) E o mestiço – mulato, mameluco ou cafuzo – menos que um intermediário, é um decaído, sem a energia física dos ascendentes selvagens, sem a altitude intelectual dos ancestrais superiores.”

Este ser “degenerescido”, cuja psicologia era determinada por elementos geográficos e biológicos, produziria um líder que seria a síntese de toda a “deformação” do mundo camponês nordestino: Antônio Conselheiro. “A sua biografia – escreve Euclides – compendia e resume a existência da sociedade sertaneja.” É o caráter de personagem-símbolo que se destaca na interpretação do chefe dos fanáticos:

“Todas as crenças ingênuas, do fetichismo bárbaro às aberrações católicas, todas as tendências impulsivas das raças inferiores, livremente exercitada na indisciplina da vida sertaneja se condensaram no seu misticismo feroz e extravagante. Ele foi, simultaneamente, o elemento ativo e passivo da agitação que surgiu.”

Mas, às teses colonialistas de Gumpłowicz (a maior fonte teórica de *Os Sertões*) e outros, sobrepunham-se as imagens recolhidas *in loco*, na zona deflagrada. E as imagens eram mais densas que a explicação “científica” posterior. O sertanejo é visto como um titã:

“O sertanejo é, antes de tudo, um forte. Não tem o raquitismo exaustivo dos mestiços neurastênicos do litoral.

A sua aparência, entretanto, ao primeiro lance de vista, revela o contrário. Falta-lhe a plástica impecável, o desempenho, a estrutura corretíssima das organizações atléticas. (...) É desgracioso, desengonçado, torto. Hércules-Quasímodo, reflete no aspecto a fealdade típica dos fracos. (...)”

Entretanto, toda esta aparência de cansaço ilude.

Naquela organização combatida operam-se, em segundos, transmutações completas. Basta o aparecimento de qualquer incidente exigindo-lhe o desencadear das energias adormecidas.

O homem transfigura-se. Empertiga-se. (...) e da figura vulgar do tabaréu canhestro, reponta inesperadamente o aspecto dominador de um titã acobreado e potente, num desdobramento surpreendente de força e agilidade extraordinárias.”

## A luta

Finalmente, a terceira e mais importante parte da obra é “A luta”. O conflito entre a sociedade arcaica e a urbana já não surge como uma guerra entre monarquistas e republicanos. Euclides da Cunha sabe estar contemplando uma autêntica guerra civil. E descreve-a sombriamente. Não esconde a comoção diante da guerrilha sertaneja e das sucessivas derrotas que ela impõe às tropas oficiais, diante dos banhos de sangue diários, do grito de guerra dos jagunços: “Avança, fraqueza do governo!”; e diante das rezas e cânticos que emergem do arraial, daquela “Troia de taipa”, ao anoitecer, quando todo o alto comando julgava Canudos já sem resistência.

A violência desse genocídio é quase insuportável:

“Os novos combatentes imaginaram-na (a guerra) extinta antes de chegarem a Canudos. Tudo o indicava. Por fim, os próprios prisioneiros que chegavam e eram os primeiros que apareciam. Notou-se apenas, sem que se explicasse a singularidade, que entre eles não surgia um único homem feito. Os vencidos, varonilmente ladeados de escoltas, eram fragilimos; meia dúzia de mulheres tendo ao colo crianças engelhadas como fetos, seguidas dos filhos maiores, de seis e dez anos. (...)”

Um dos pequenos – franzino e cambaleante – trazia à cabeça, ocultando-a inteiramente porque descia até os ombros, um velho quepe réu, apanhado no caminho. O quepe largo e grande demais oscilava grotescamente a cada passo sobre o busto esmurrado que ele encobria por um terço. E alguns espectadores tiveram a coragem singular de rir. A criança alçou o rosto, procurando vê-los. O riso extinguiu-se: a boca era uma chaga aberta de lado a lado por um tiro.”

No desenvolvimento de *A Luta* – a narração acompanha as quatro expedições punitivas até o grande massacre final – vai se avolumando uma denúncia apaixonada contra a inépcia e insensibilidade do governo, representante da civilização litorânea. Na visão das elites do litoral, os jagunços eram facínoras. Para Euclides, eram irmãos que deviam ser reintegrados à nacionalidade. Sob este prisma, as últimas páginas ganham uma força trágica impressionante. Os soldados penetram no arraial:

“Os combatentes contemplavam-nos enraticados. Surpreendiam-se; comoviam-se. O arraial, *in extremis*, punha-lhes adiante, naquele armistício transitório, uma legião desarmada, mutilada, faminta e claudicante. Custava-lhes admitir que toda aquela gente inútil e frágil saísse tão numerosa ainda dos casebres bombardeados durante três meses. Contemplando-lhes os rostos baços, os arcabouços esmirrados e sujos, cujos molambos em tiras não encobriam lanhos, escaras e escalavros – a vitória tão longamente apetecida decaía de súbito. Repugnava aquele triunfo. Envergonhava.”

E ainda que Euclides não tenha compreendido totalmente a questão sertaneja – atrás do messianismo ocultava-se o problema agrário, e a revolta fora organizada por camponeses pobres, explorados pelo latifúndio – ainda assim, ele foi capaz de encerrar a sua obra com um libelo terrível:

“É que ainda não existe um Maudsley para as loucuras e os crimes das nacionalidades...”

## O gênero literário e o estilo

*Os Sertões* é uma mescla de romance e ensaio científico, relato histórico e reportagem jornalística, o que torna impossível enquadrá-lo nos limites de um gênero literário. Trata-se de uma obra de exceção.

## José Pereira da Graça Aranha



Wikimedia Foundation

Graça Aranha

\* São Luís (MA) – 21/06/1868

† Rio de Janeiro (RJ) – 26/01/1931

## Vida

- Formado em Direito pela Faculdade de Recife, Graça Aranha segue logo a magistratura. Foi também diplomata brasileiro.
- Tornou-se Juiz Municipal em Cachoeiro de Santa Leopoldina, no Espírito Santo, onde colhe dados para o futuro romance *Canaã*, publicado em 1902.
- Eleito para a Academia Brasileira de Letras, logo no primeiro grupo, em 1897.
- Marcado por temperamento inquieto, tomou parte no movimento da Semana de Arte Moderna (1922), rompendo com a Academia em 1924, após ter atacado a imobilidade do academismo.
- Na obra *A viagem Maravilhosa*, volta-se para problemas políticos e sociais do Brasil.

## Obras

### Romance

*Canaã* (1902);  
*A Viagem Maravilhosa* (1929).

### Teatro

*Malasarte* (1911) – escrito simultaneamente em francês e português.

### Ensaio

*A Estética da Vida* (1920);  
*Correspondência entre Machado de Assis e Joaquim Nabuco* (1923);  
*O Espírito Moderno* (1925).

### Memórias

*O Meu Próprio Romance* (1931) – inacabado.

### Análise de *Canaã*

*Canaã* é o romance construído a partir da observação de uma pequena comunidade de imigrantes alemães no Espírito Santo. Entretanto, é antes “o retrato de algumas teses em choque, a deleitação romântico-naturalista das realidades vitais.” Embora Lúcia Miguel Pereira se refira a *Canaã* como “romance de ideias, romance social, mas nunca romance de tese”, a intenção do autor de demonstrar entrechoques de teses opostas prejudica seriamente a estrutura da obra. As teses em conflito são defendidas por dois amigos imigrantes alemães, Milkau e Lentz. Milkau prega uma espécie de “integração harmoniosa de todos os povos na natureza maternal”, já Lentz “profetiza” a vitória de uma raça pura e superior (os arianos), enérgica e dominadora, sobre os mestiços, “fracos indolentes”. É, nas palavras de Alfredo Bosi, “o contraste entre o racismo e o universalismo, entre a lei da força e a lei do amor, que polariza ideologicamente as atitudes do imigrante europeu diante de sua nova morada”.



“A postura de Milkau não se restringe à defesa de ideias: desdobra-se em ação quando passa a proteger Maria, jovem colona que, expulsa pelos patrões ao saberem-na grávida, dá à luz em trágicas circunstâncias, vindo a ser acusada da morte do próprio filho. Maria encarna, aos olhos de Milkau, a fragilidade da mulher espezinhada pela lei do mais forte. Só o afeto desinteressado a salvará, resgatando-a da crueza dos homens que se arrogam o direito de condená-la. Libertando-a do cárcere e fugindo com ela em direção de outros horizontes, Milkau julga buscar a terra prometida, a luminosa Canaã, onde a vida não seja uma competição de ódios, mas uma conquista de amor.”

## Augusto de Carvalho Rodrigues dos Anjos



Augusto dos Anjos

\* Engenho Pau d'Arco (PB) 20/04/1884  
† Leopoldina (MG) – 12/11/1914

Augusto de Carvalho Rodrigues dos Anjos nasceu e viveu até os 24 anos na Paraíba, no Engenho Pau d'Arco, que a família foi obrigada a vender devido à crise que atingiu a lavoura açucareira nordestina nos primeiros anos da República.

Embora formado em advocacia, foi professor de literatura a vida toda, divulgando poemas em jornais até a publicação de sua única obra: *Eu* (1912).

Poeta que explora as temáticas da podridão, da decomposição e dos terrores noturnos, Augusto dos Anjos faleceu em Leopoldina, Minas Gerais, em 1914, com pouco mais de 30 anos, em consequência de uma pneumonia.

- *EU* (1912)

O público e a crítica da época, habituados à elegância parnasiana, consideraram grosseiro e de mau gosto o livro de Augusto dos Anjos. Alguns de seus poemas são vistos como os mais estranhos de toda a nossa literatura, por vários motivos. Dentre eles, ressaltamos o vocabulário pouco comum, repleto de palavras com forte carga científica; a multiplicidade de influências literárias, que dificulta ou mesmo impossibilita sua classificação estilística, e, principalmente, o desespero radical com que transforma o fim de todas as ilusões românticas em tema recorrente, bem como a fatalidade da morte e o apodrecimento inexorável do corpo, a visão do cosmos em seu processo irreversível de demolição de valores e sonhos humanos.

### Características da obra

- Revela um pessimismo absoluto, com visão bastante niilista, com marcas de angústia existencial.
- Usa formas literárias frequentemente duras e apoéticas.
- Seus temas preferidos são: a doença, os micróbios, a morte, vermes, cemitérios, hospitais, necrotérios, cadáveres, sangue, feridas, putrefação. É o poeta do “mau gosto”.
- Poesia cheia de termos técnicos, científicos (especialmente de Medicina).
- Apesar de toda temática apoética, existem na única obra desse escritor – *Eu* – textos de rara expressão lírica.

## Análise de poemas de Augusto dos Anjos

### VANDALISMO

Augusto dos Anjos

Meu coração tem catedrais imensas,  
Templos de priscas e longínquas datas,  
Onde um nume de amor, em serenatas,  
Canta a aleluia virginal das crenças.

Na ogiva fúlgida e nas colunatas  
Vertem lustrais irradiações intensas  
Cintilações de lâmpadas suspensas  
E as ametistas e os florões e as pratas.

Como os velhos Templários medievais  
Entrei um dia nessas catedrais  
E nesses templos claros e risonhos...

E erguendo os gládios e brandindo as hastas,  
No desespero dos iconoclastas  
Quebrei a imagem dos meus próprios sonhos!

*Toda a poesia de Augusto dos Anjos e um estudo crítico*, de Ferreira Gullar.  
Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

### Vocabulário:

**prisca:** antiga, velha, que pertence ao passado.

**nume:** divindade, poder celeste.

**ogiva:** arco diagonal de uma abóboda gótica.

**fúlgida:** fulgurante, luzente, brilhante.

**colunata:** série de colunas dispostas com simetria para adornar um edifício.

**verter:** derramar, jorrar.

**florão:** ornato, enfeite.

**Templário:** membro da ordem militar e religiosa denominada Pobres Cavaleiros de Cristo, fundada em 1119, em Jerusalém, com o fim de proteger os peregrinos, e extinta pelo Papa em 1312.

**gládio:** espada.

**brandir:** agitar com a mão (uma espada, uma lança etc., antes de desferir o golpe).

**hasta:** lança.

**iconoclasta:** destruidor de imagens ou ídolos.

### Análise

Esse soneto de Augusto dos Anjos, vazado em versos decassílabos e em rimas regulares, apresenta um vocabulário místico (catedrais, templos, aleluia virginal, crenças etc.) e uma sonoplastia (efeitos sonoros como rimas, alterações, assonâncias etc.) que remetem ao Simbolismo. O eu lírico apresenta-se como alguém que recebeu certa educação religiosa na infância (“priscas eras”, “aleluia virginal das crenças”) e contra a qual se rebela na idade madura, assumindo a atitude de descrença nos sonhos, na vida, de modo tal que, à maneira dos iconoclastas, destrói ídolos ou imagens de seus sonhos, ou seja, renega tudo quanto lhe ensinaram. Aqui o pessimismo diante da vida assume o mesmo tom dos “Versos íntimos”, do mesmo autor, em que a descrença na humanidade, na amizade e no amor alcança o ponto máximo.

### VERSOS ÍNTIMOS

Vês! Ninguém assistiu ao formidável  
Enterro de tua última quimera.  
Somente a Ingratidão – esta pantera –  
Foi tua companheira inseparável!

Acostuma-te à lama que te espera!  
O Homem, que, nesta terra miserável,  
Mora entre feras, sente inevitável  
Necessidade de também ser fera.

Toma um fósforo. Acende teu cigarro!  
O beijo, amigo, é a véspera do escarro,  
A mão que afaga é a mesma que apedreja.

Se a alguém causa inda pena a tua chaga,  
Apedreja essa mão vil que te afaga,  
Escarra nessa boca que te beija!

MORICONI, Ítalo. *Os Cem Melhores Poemas Brasileiros do Século*.  
Rio de Janeiro: Objetiva, 2001, p. 61.

## Análise

Nesse poema, o poeta paraibano de Pau d'Arco expressa um profundo pessimismo em relação à vida humana em todas as suas esferas. Trata-se de um negativismo doentio, como é característico desse autor. A sua visão de mundo é amarga, e sua desconfiança nas relações interpessoais é absoluta. Vê-se o eu lírico, já na primeira estrofe, como vítima da ingratidão durante a vida inteira. Culpa o mundo pelo fracasso de seus sonhos, que ele chama de quimera, o que traduz descrença na sua realização. Em razão disso, ele aconselha o leitor a nada esperar da vida e logo acostumar-se com o fim que o espera: a morte. Esta é a lição que ele aprendeu supostamente num mundo desumano e ferino, marcado pelo desamparo, pela traição e pela injustiça. Assim, tudo olha com desconfiança, como prenúncio de desgraça. Para ele, "o beijo... é a véspera do escarro", "a mão que afaga é a mesma que apedreja". Eis, então, a lição que ministra ao leitor: repudiar agressivamente tudo que parece bom e prazeroso, numa atitude desencantada e revoltada da existência, e não aceitar sentimentos de comisseração (pena) que a sua dor possa despertar em alguém. A sua linguagem não é eufêmica, mas disfêmica!

### ETERNA MÁGOA

Augusto dos Anjos

O homem por sobre quem caiu a praga  
Da tristeza do mundo, o homem que é triste  
Para todos os séculos existe  
E nunca mais o seu pesar se apaga!

Não crê em nada, pois nada há que traga  
Consolo à mágoa, a que só ele assiste.  
Quer resistir, e quanto mais resiste  
Mais se lhe aumenta e se lhe afunda a chaga.

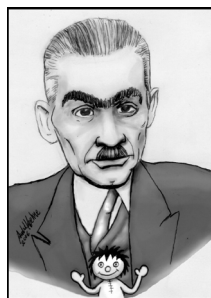
Sabe que sofre, mas o que não sabe  
É que essa mágoa infinda assim, não cabe  
Na sua vida, é que essa mágoa infinda

Transpõe a vida do seu corpo inerte;  
E quando esse homem se transforma em verme  
É essa mágoa que o acompanha ainda!

## Análise

Aqui também a descrença é universal, absoluta, fruto de ressentimentos sem fim. A desgraça que sobre alguém caiu é eterna, que deixa uma eterna mágoa no mísero ser, fruto da miséria humana. Para o eu lírico, não existe consolação e resistir é aumentar o sofrimento, o que sugere resignação e entrega diante de tal sina. O pior, segundo a voz poética, é que a morte não faz cessar essa mágoa: ela o acompanha eternamente para além do túmulo.

## João Bento Monteiro Lobato



Wikimedia Foundation

Monteiro Lobato

\* Taubaté (SP) – 18/04/1882  
† São Paulo (SP) – 04/07/1948

## Vida

- Tornou-se órfão de pai e mãe antes dos sete anos de idade.
- Fez estudos primários e secundários na cidade natal. Concluiu o curso de Direito na Faculdade de São Paulo, em 1904.
- Ainda acadêmico, na companhia de outros intelectuais, publica vários textos para os jornais da época.
- Exerce função de promotor na comarca de Areias.
- Herda do avô uma fazenda, que seria vendida em 1917.
- Suas atividades literárias são mais constantes, produzindo artigos e contos para o jornal *O Estado de São Paulo*.
- Em 1918, publica *Urupês*, seu livro de estreia, e cria a Editora Monteiro Lobato, que sete anos depois iria à falência.
- Muda-se para o Rio de Janeiro, em 1925, e entra na carreira diplomática. Serve nos Estados Unidos durante cinco anos.
- Desenvolveu campanha nacionalista em favor do petróleo, o que lhe rende desavenças com o governo e prisão durante noventa dias.
- Morreu em 1948, vítima de espasmo muscular, durante o sono.

## Obras

### Contos

*Urupês* (1918);  
*Cidades Mortas* (1919);  
*Negrinha* (1920);  
*A Onda Verde* (1921);  
*Mundo da Lua* (1923);  
*O Macaco que se fez Homem* (1923).

### Romance

*O Choque das Raças ou o Presidente Negro* (1926).

Escreveu também crônicas e memórias de viagens, além de várias obras dedicadas à infância.

### *Urupês* (1918)

Os contos de *Urupês* são arquitetados segundo um rigorismo externo que compromete a verossimilhança exigida pelo tipo de realismo adotado. Os eventos sucedem-se aí com uma simetria e coerência incompatíveis com a vida que procuram representar. Tudo parece previamente estabelecido para a organização do enredo cativante: abertura explicativa, miolo conflituoso e um final que resolve de maneira fácil e esquemática o suspense do conflito. Lobato conhecia a "Filosofia da Composição", de Edgar Allan Poe, citada, aliás, num conto de *Cidades Mortas*. Mas é pena que alguns contos de proporções míticas de *Urupês*, como



Reprodução: Editora Globo

“O Mata-pau” e “O Bocatorta”, sejam tão empobrecidos pelas explicações finais do autor. No caso de “O Bocatorta”, todo o seu rico universo alegórico fecha-se quando o narrador afirma, ainda que de passagem, que a horrenda criatura era um necrófilo. Em “O Mata-Pau”, cabe ao ouvinte da história fornecer sua interpretação limitadora do sentido da narrativa: “Não é só no mato que há mata-paus!...”. Outro conto de interesse mítico é “O Estigma”; mas aí as deficiências de estrutura são maiores, embora o tema talvez seja mais rico de possibilidades absurdas. “A Vingança da Peroba” talvez, dentre as narrativas de sugestões alegóricas, seja o mais bem estruturado, porque menos artificial e nada explicativo.

### Cidades Mortas (1919)

Se em *Urupês* Lobato cria, em tom amargo e estilo trabalhado, o símbolo do caboclo brasileiro e conta histórias ora engraçadas, ora sinistras, ora sangrentas, porém todas trágicas, em *Cidades Mortas* perfila com leveza de estilo, bom humor e muita ironia: frases, gestos, situações, ambientes e os tipos que dão corpo e alma à Itaoca, símbolo da cidadezinha avessa ao progresso e distante de tudo.

A importância estética de *Cidades Mortas* excede em muito o seu valor histórico e regional. É um livro de notável vivacidade lúdica e manifesto abandono da investigação psicológica. Trata-se de um livro-alegoria. Avesso, portanto, à singularidade do indivíduo. Todo ele é uma hilariante paródia do Brasil. Será o Brasil um país de alma forte? Não. O Brasil é uma piada, cuja expressão mais autêntica é a alienação das grandes festas. E Lobato o retrata como tal. Itaoca é uma fábula de equívocos e mentiras. Seu universo é do marasmo que só se movimenta e ganha cor por força do ridículo e do malogro. O Brasil como um todo se pauta pela mesma linha. E Lobato intuiu admiravelmente nossa condição. Por isso, os contos de *Cidades Mortas* se constroem pela superficialidade do risível. Estabelecamos, então, o modo correto de se ler este livro: observar a leveza da ironia que retrata a leviandade do país.

### Negrinha (1920)

*Negrinha* é um livro desigual. Encontram-se aí alguns dos melhores contos de Lobato, ao lado de outros de qualidade relativa. “O Colocador de Pronomes” é uma obra-prima do conto de engenho; nele a gramatiquice e o pseudo-vernaculismo são organicamente satirizados. Já “Uma História de Mil Anos”, sentimentalismo moralista sem nenhuma força, vale apenas pela poesia das linhas iniciais. “O Drama da Geada” é um belo retrato psicológico não só de um coronel, mas de toda uma situação coronelesca. “O Jardineiro Timóteo” e “As Fitas da Vida” exemplificam boas realizações no âmbito do sentimentalismo fatalista. Uma nota curiosa em *Negrinha* é o terror: “Os Negros” e “Bugio Moqueado”. Este é uma obra-prima do suspense macabro. Aquele é antes uma história sentimental numa moldura gótica muito bem traçada.

## Afonso Henrique de Lima Barreto



Lima Barreto

\* Rio de Janeiro (RJ) – 13/05/1881  
† Rio de Janeiro (RJ) – 01/11/1922

## Vida

- Sua existência foi bastante infeliz e marcada pela desgraça. Teve más e tristes lembranças da infância.
- Na adolescência, não pôde seguir o curso de Engenharia, impedido pelas condições econômicas da família.
- Desde cedo já produzia artigos e contos para os jornais, enquanto seguia carreira como funcionário público.
- A bebida dominou-o completamente, tendo que se internar por algumas vezes.
- Apesar de todo esse contexto de desacerto existencial, era culto e, acima de tudo, lia bastante.
- Os romances que escreveu não obtiveram na época o mérito desejado, pois, como homem, vivia à margem da sociedade.
- A paixão pela cidade, os bairros distantes, os subúrbios dos funcionários públicos, as serenatas e o violão eram nota pitoresca e frequente nos arrabaldes cariocas e na maioria de suas narrativas. Mostrava, com constância, dramas humildes e tragédias da classe média. Foi um verdadeiro intérprete desses episódios.
- Também são constantes em suas obras os meios políticos e as redações dos jornais, apresentados com aguda sensibilidade de um narrador, muitas vezes, sarcástico.

## Obras: Romances

*Recordações do escrivão Isaias Caminha* (1909);  
*Triste Fim de Policarpo Quaresma* (1915);  
*Numa e Ninfa* (1915);  
*Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá* (1919);  
*Os Bruzundangas* (1923);  
*Clara dos Anjos* (1948).

As duas últimas obras foram publicadas postumamente.

## Características da obra

- São personagens célebres em sua arte de escritura “Clara dos Anjos” ou o “Major Quaresma”, tipos literários dos mais significativos.
- Foi um dos grandes romancistas da cidade do Rio de Janeiro, seguindo a trilha de Manuel Antônio de Almeida e de Machado de Assis.
- Produz uma literatura bastante empenhada, com perspectiva social, conseguindo real triunfo com a verdadeira vitória do Modernismo.
- Mostra linguagem frequentemente descuidada, que revela pressa e displicência artística. Isto se torna estilo direto, despojado e, acima de tudo, funcional.
- É um autor que clama contra as injustiças sociais, contra o preconceito de cor, as desigualdades humanas, a falsidade e a hipocrisia.
- Contrariou o esteticismo, a retórica e a brilhante escritura dos estilos dominantes na sua época.

## Enredo básico

### TRISTE FIM DE POLICARPO QUARESMA

Policarpo Quaresma é um major de hábitos regulares, subsecretário do Arsenal de Guerra. Apaixonado pelo Brasil, sabia tudo sobre a pátria: história, geografia, recursos naturais etc. Tornou-se um nacionalista exaltado, chegando a propor a adoção do tupi como língua oficial. Logo foi tido como lunático e trancafiado num hospício. Tinha como únicos amigos, que o respeitavam e acreditavam na sua mensagem, um violeiro, também militar, Ricardo Coração dos Outros, e a afilhada Olga. Saindo do hospício, Quaresma empenha-se em outro projeto:



salvar a agricultura nacional. Para isso, chega até a apoiar o marechal Floriano Peixoto na Revolta da Armada, de 1893 (revolta contra o governo centralizador que passara, sem eleições, das mãos de Deodoro da Fonseca para as de seu vice Floriano). Mas este não lhe dá atenção; despótico, depois de sua vitória, manda prender Quaresma e injustamente fuzilá-lo.

## Análise

*Triste fim de Policarpo Quaresma* pode ser entendido como um discurso metafórico da construção imaginária do Brasil e da sua gente. Por meio de uma linguagem irônica, num meio-termo entre o trágico e o cômico, o autor pretende assinalar como a elaboração de categorias mentais, tais como “pátria” e “nacionalismo”, pode se transformar numa grande ilusão ou engodo. O percurso do herói Quaresma, que parte de uma visão patrioteira e utópica aprendida nos livros rumo a uma dolorosa consciência do Brasil concreto, ilustra o distanciamento das elites econômicas e intelectuais do cotidiano das massas despossuídas, bem como a necessidade de ultrapassar um nível ingênuo de percepção da realidade nacional. Essa figura do trajeto da consciência nacional rumo à maturidade é retomada por João Ubaldo Ribeiro em *Viva o povo brasileiro*. Em ambos, a figura cumpre um papel missionário, no sentido definido por Sevcenko: a ficção não se presta apenas à fruição, mas apresenta papel de conscientização e resolução de problemas da vida real.

O romance, escrito em 1911, refere-se a episódios históricos e fictícios ocorridos durante a presidência de Floriano Peixoto (1891-1894). O texto narra o esforço do major Policarpo Quaresma para contribuir para a grandeza do Brasil, com base no seu inquebrantável patriotismo. Seus sentimentos cívicos, vindos desde a juventude, são ilustrados no seu empenho de aprender o violão, as modinhas e o folclore do país, nas suas leituras adstritas aos temas brasileiros e de cunho apologético das coisas nacionais, no seu estudo do tupi-guarani, no seu desejo de solucionar os problemas da pátria:

“Policarpo era patriota. Desde moço, aí pelos vinte anos, o amor da Pátria tomou-o todo inteiro. Não fora um amor comum, palrador e vazio; fora um sentimento sério, grave e absorvente. Nada de ambições políticas ou administrativas; e o que Quaresma pensou, ou melhor, o que o patriotismo o fez pensar, foi num conhecimento inteiro do Brasil, levando-o a meditações sobre os seus recursos, para então apontar os remédios, as medidas progressivas, com pleno conhecimento de causa” (Barreto, 1983: 21).

O ufanismo do major recrudescer a ponto de saudar os amigos com um choro convulsivo (explicado depois como uma típica saudação tupinambá) e de enviar para a Câmara um requerimento solicitando a decretação do tupi-guarani como a língua oficial do povo brasileiro. A troça com que a petição foi recebida e as críticas e pilhérias desferidas ao seu autor o levam ao hospício. Curado dos delírios, mas não ainda do tenaz patriotismo, Quaresma vai sucessivamente tentando concretizar as ideias ufanistas aprendidas nos manuais de História. Aposentado, o major adquire um sítio longe da cidade e para lá se muda com firme intenção de cultivar variadas culturas “nos terrenos mais férteis do mundo”, não para satisfazer a ambição pecuniária, mas para demonstrar as superioridades do Brasil:

“Então pensou que foram vãos aqueles seus desejos de reformas capitais nas instituições e nos costumes: o que era principal à grandeza da pátria estremecida, era uma forte base agrícola, um culto pelo seu solo ubérrimo, para alicerçar fortemente todos os outros destinos que ela tinha de preencher” (Barreto, 1983: 67).

O sonho agrícola do major, entretanto, se esvai com as saúvas, com os impostos exorbitantes, com a falta de uma política de incentivo ao camponês, com as mesquinhas promovidas pelos mandachuvas locais, com a apatia que tais obstáculos geram no homem do campo. Sem se deixar abater, mais uma vez reformula suas ideias patrióticas. A saída para o país estaria em reformas mais amplas e radicais:

“(…) tornava-se necessário refazer a administração. Imaginava um governo forte, respeitado, inteligente, removendo todos esses óbices, esses entraves, Sully e Henrique IV, espalhando sábias leis agrárias, levantando o cultivador... Então sim! O celeiro surgiria e a pátria seria feliz” (Barreto, 1983: 101).

Sim, a alternativa seria, portanto, oferecer o seu entusiasmo e a sua madureza para o projeto de reforma administrativa. Ao dar com as notícias da Revolta da Armada, percebe a oportunidade para realizar suas novas ideias. Telegrafa ao marechal Floriano Peixoto pedindo “energia” e afirmando a sua ida imediata à capital. Havia elaborado um memorial onde expunha os problemas rurais advindos da “grande propriedade, das exações fiscais, da carestia de fretes, da estreiteza dos mercados e das violências políticas”. Entrega-o diretamente ao marechal Floriano Peixoto, que o recebe displicente e aborrecido. No encontro, o marechal sugere ao tenente-coronel presente que aproveite o Quaresma no seu batalhão. Lá, dedica-se aos manuais de artilharia, balística e ciências afins com grande interesse e motivação patriótica para melhor servir ao país.

Quaresma começa a duvidar do governo forte do presidente, quando este lhe diz que o considera um “visionário”, em resposta à sua pergunta de como o marechal avaliara as ideias contidas no memorial. Mas ainda alimentava a esperança de que, passado o momento de crise política, mais atenção seria dedicada às suas propostas.

A lucidez finalmente é conquistada, quando ele é posto em combate e vivencia todos os horrores da guerra, as tiranias da oficialidade, as motivações menores que levavam ao conflito, o despotismo. O ápice de sua desilusão se dá ao presenciar a escolha a esmo dos prisioneiros que seriam fuzilados sem julgamento e clandestinamente. Ao escrever para o presidente sua carta de protesto contra essas atrocidades, Quaresma é preso e considerado traidor. Aguardando o seu fim, ele repensa a sua vida e seus sonhos quiméricos de pátria, consciente de que gastara toda a sua juventude e energia atrás de uma ilusão sem fundamento.

GERMANO, Idilva Maria Pires. *Alegorias do Brasil: Imagens de brasilidade em Triste Fim de Policarpo Quaresma e Viva o povo brasileiro*. São Paulo: Anna Blume, Fortaleza: Secretaria de Cultura Desporto do Estado do Ceará, 2000.



## Exercícios

— O homem – notou Lentz a sorrir com ar de triunfo – há de sempre destruir a vida para criar a vida. E depois, que a alma tem esta árvore? E que tivesse... Nós a eliminaríamos para nos expandirmos.

E Milkau disse com a calma da resignação:

— Compreendo bem que é ainda a nossa contingência essa necessidade de ferir a Terra, de arrancar do seu seio pela força e pela violência a nossa alimentação; mas virá o dia em que o homem, adaptando-se ao meio cósmico por uma extraordinária longevidade da espécie, receberá a força orgânica da sua própria e pacífica harmonia com o ambiente, como sucede com os vegetais; e então dispensará para subsistir o sacrifício dos animais e das plantas. Por ora nos conformaremos com este momento de transição... Sinto dolorosamente que, atacando a Terra, ofendo a fonte da nossa própria vida, e firo menos o que há de material nela do que o seu prestígio religioso e imortal na alma humana...

Graça Aranha, *Canaã*.





No trecho anterior, duas personagens alemãs expõem suas posições filosóficas antagônicas a respeito do mundo e do homem.

01. (ESPM) No fragmento discutem a necessidade ou não do corte das árvores. Assinale a afirmação destoante:
- Enquanto Lentz tem espírito agressivo, destruidor, Milkau é humanista, sensível.
  - Lentz defende a “lei do mais forte”, justificando que para haver vida é preciso haver morte.
  - Milkau se mostra reticente sobre uma futura integração entre homem e natureza.
  - Há uma visão antecipatória de que agredir o Planeta significa agredir o próprio homem.
  - Enquanto Lentz se mostra mais soberbo, Milkau tem uma postura mais humilde.
- Esta crônica antecede de cerca de três anos o desfecho de Canudos, que seria assunto de *Os Sertões*, de Euclides da Cunha. Utilize-a para responder às questões 02 e 03.

22 de julho de 1894.

### CANÇÃO DE PIRATAS

Telegrama da Bahia refere que o Conselheiro está em Canudos com 2000 homens (dois mil homens) perfeitamente armados. Que Conselheiro? O Conselheiro. Não lhe ponhas nome algum, que é sair da poesia e do mistério. É o Conselheiro, um homem, dizem que fanático, levando consigo a toda a parte aqueles dous mil legionários. [...] Jornais e telegramas dizem dos clavinoteiros e dos sequazes do Conselheiro que são criminosos; nem outra palavra pode sair de cérebros alinhados, registrados, qualificados cérebros eleitores e contribuintes. Para nós, artistas, é a renascença, é um raio de sol que, através da chuva miúda e aborrecida, vem dourar-nos a janela e a alma. É a poesia que nos levanta do meio da prosa chilra e dura deste fim de século. Nos climas áspers, a árvore que o inverno despiu é novamente enfolhada pela primavera, essa eterna florista que aprendeu não sei onde e não esquece o que lhe ensinaram. A arte é a árvore despida: eis que lhe rebentam folhas novas e verdes.

Sim, meus amigos. Os dous mil homens do Conselheiro, que vão de vila em vila, assim como os clavinoteiros de Belmonte, que se metem pelo sertão, comendo o que arrebatam, acampando em vez de morar, levando moças naturalmente, moças cativas, chorosas e belas, são piratas dos poetas de 1830. Poetas de 1894, aí tendes matéria nova e fecunda. Recordai vossos pais; cantai, como Hugo, a canção dos piratas:

[...]

O romantismo é a pirataria, é o banditismo, é a aventura do saltador que estripa um homem e morre por uma dama.

Crede-me, esse Conselheiro que está em Canudos com os seus dous mil homens, não é o que dizem telegramas e papéis públicos. Imaginais uma legião de aventureiros galantes, audazes, sem ofício nem benefício, que detestam calendário, os relógios, os impostos, as reverências, tudo que obriga, alinha e apruma. São homens fartos desta vida social e pacata, os mesmos dias, as mesmas caras, os mesmos acontecimentos, os mesmos delitos, as mesmas virtudes. Não podem crer que o mundo seja uma secretaria de Estado, com seu livro do ponto, hora de entrada e de saída, e de desconto por faltas. O próprio amor é regulado por leis; os consórcios celebram-se por um regulamento em casa do pretor, e por um ritual na casa de Deus, tudo com etiqueta dos carros e casacas, palavras simbólicas, gestos de convenção.

Nem a morte escapa à regulamentação universal; [...]. Os partidários do Conselheiro lembraram-se dos piratas românticos, sacudiram as sandálias à porta da civilização e saíram à vida livre.

ASSIS, Machado de. In: Machado de Assis. *Antologia e Estudos*. Alfredo Bosi et al. São Paulo: Ática, 1982.

### VOCABULÁRIO:

**Clavinoteiro:** 2. diz-se do bandido sertanejo armado de clavinete; facinora. (*Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa*)

02. Ao comparar o Conselheiro e seus seguidores aos piratas das canções românticas, Machado de Assis
- desconsidera a importância da Guerra de Canudos.
  - mostra-se mais compreensivo com os sertanejos, ao conferir-lhes uma feição idealizada.
  - reforça, por meio da ironia, a visão negativa dos criminosos.
  - ironiza a irrelevância da temática dos poetas românticos.
  - reforça por meio da metáfora o primitivismo do Conselheiro e de seus seguidores.
03. Assinale o excerto de *Os Sertões* que apresenta características semelhantes às do herói romântico.
- “Nem um rosto viril, nem um braço capaz de suspender uma arma, nem um peito resfolegante de campeão domado: mulheres, sem-número de mulheres, velhas espectrais, moças envelhecidas, velhas e moças indistintas na mesma fealdade, escaveiradas e sujas, filhos escanchados nos quadris desnalgados, filhos encarapitados às costas, velhos, sem-número de velhos; raros homens, enfermos opilados, faces túmidas e mortas, de cera, bustos dobrados, andar cambaleante”.
  - “[...] o jagunço é tão inapto para aprender a forma republicana como a monárquico-constitucional. Ambas lhe são abstrações inacessíveis. É espontaneamente adversário de ambas. Está na fase evolutiva em que só é conceitual o império de um chefe sacerdotal ou guerreiro”.
  - “Paranoico indiferente, este dizer; talvez, mesmo não lhe possa ser ajustado inteiro. A regressão ideativa que patenteou, caracterizando-lhe o temperamento vesânico, é certo, um caso notável de degenerescência, [...]”.
- vesânico:** perturbado mental.
- “[...] Espécie de grande homem pelo avesso, Antônio Conselheiro reunia no misticismo doentio todos os erros e superstições que formam o coeficiente de nossa nacionalidade [...]”
  - “Canudos não se rendeu. Exemplo único em toda a história resistiu até ao esgotamento completo. Expugnado palmo a palmo, na precisão integral do termo, caiu no dia 5, ao entardecer, quando caíram os seus últimos defensores, que todos morreram. Eram quatro apenas; um velho, dois homens feitos e uma criança, na frente dos quais rugiam raivosamente cinco mil soldados”.
- (UFRJ/2008) Leia os poemas a seguir para responder à questão 04.

### HINO À DOR

Augusto dos Anjos

Dor, saúde dos seres que se fanam,  
Riqueza da alma, psíquico tesouro,  
Alegria das glândulas do choro  
De onde todas as lágrimas emanam...

És suprema! Os meus átomos se ufanam  
De pertencer-te, oh! Dor, ancoradouro  
Dos desgraçados, sol do cérebro, ouro  
De que as próprias desgraças se engalanam!

Sou teu amante! Ardo em teu corpo abstrato.  
Com os corpúsculos mágicos do tato  
Prendo a orquestra de chamas que executas...

E, assim, sem convulsão que me alvorece,  
Minha maior ventura é estar de posse  
De tuas claridades absolutas!

## NUM MONUMENTO À ASPIRINA

João Cabral de Melo Neto

Claramente: o mais prático dos sóis, o sol de um comprimido de aspirina: de emprego fácil, portátil e barato, compacto de sol na lápide sucinta. Principalmente porque, sol artificial, que nada limita a funcionar de dia, que a noite não expulsa, cada noite, sol imune às leis de meteorologia, a toda hora em que se necessita dele levanta e vem (sempre um claro dia): acende, para secar a aniagem da alma, quará-la, em linhos de um meio-dia. Convergem: a aparência e os efeitos da lente do comprimido de aspirina: o acabamento esmerado desse cristal, polido a esmeril e repolido a lima, prefigura o clima onde ele faz viver e o cartesiano de tudo nesse clima. De outro lado, porque lente interna, de uso interno, por detrás da retina, não serve exclusivamente para o olho a lente, ou o comprimido de aspirina: ela reenfoca o corpo inteiro, o barroso de ao redor, e o reafina.

04. (UFRJ/2008) Ao comparar o poema de João Cabral de Melo Neto com o de Augusto dos Anjos, identifica-se a seguinte semelhança:
- Linguagem original, vocabulário exótico, rebuscado, científico, que acentua o caráter angustiante do pessimismo cósmico.
  - Linguagem "desmetaforizada", o que cristaliza o desejo de superação da dor por meio da ciência.
  - Imagens e metáforas em que a própria poesia é questionada como instrumento de superação da dor.
  - Paródia dos ideais parnasianos de distanciamento e descrição objetiva, com consequente superação da dor por meio da subjetividade.
  - Vocabulário e imagens que, na tradição literária, de modo geral, são despídos de qualquer valor poético.
05. Assinale a alternativa que não contém a informação correta sobre Monteiro Lobato.
- A figura mitológica do caboclo brasileiro atrasado, o Jeca Tatu, surge na obra *Urupês*.
  - A sua obra apresenta, de modo geral, retalhos de costumes interioranos, muita intenção satírica, alguma piedade e pouca profundidade.
  - Foi grande divulgador da ciência, do progressismo do mundo moderno, o que o levou a participar ativamente da idealização e realização da Semana de Arte Moderna.
  - Além de escritor, foi profundo crítico da economia brasileira, precursor das lutas contra as multinacionais, famoso defensor do petróleo brasileiro.
  - Na composição de suas personagens concentrava-se no retrato físico, na busca de aspectos risíveis do temperamento, sem conseguir a profundidade dos seres.

- Observe a canção, o fragmento de texto e o mapa a seguir, que tratam de assuntos convergentes.

O homem chega,  
já desfaz a natureza tira gente e põe represa,  
diz que tudo vai mudar.  
(...) E, passo a passo,  
vai seguindo a profecia do beato que dizia  
que o sertão ia alargar.  
O sertão vai virar mar,  
dá no coração,  
o medo que algum dia o mar também vire sertão.  
Adeus Remanso,  
Casa Nova, Sento-Sé,  
Adeus Pilão Arcado vem o rio te engolir  
Debaixo d'água lá se vai a vida inteira,  
por cima da cachoeira o Gaiola vai sumir

Sá e Guarabira

... não se rendeu. Exemplo único em toda a história, resistiu até ao esgotamento completo. Expugnado palmo a palmo, na precisão integral do termo, caiu no dia 5, ao entardecer, quando caíram os seus últimos defensores, que todos morreram. Eram quatro apenas: um velho, dois homens feitos e uma criança, na frente dos quais rugiam raivosamente cinco mil soldados.

p. 514, Editora Francisco Alves



06. (ESPM – interdisciplinar) Em relação ao que estão retratando a canção, a narração de uma das mais importantes obras literárias nacionais e o mapa, está correto afirmar:
- Érico Veríssimo lamenta em sua obra *Olhai os lírios do campo* o desaparecimento de Sete Quedas na formação do lago de Itaipu para a construção da usina homônima lembrada na canção.
  - O excerto refere-se à *Grandes Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa. A personagem e a usina mencionadas na canção são, respectivamente, Antonio Conselheiro e Sobradinho, no rio São Francisco.
  - O texto *Deus e o Diabo na terra do sol* de Gláuber Rocha e a canção fazem a exaltação a Antonio Conselheiro e mencionam a usina hidrelétrica de Tucuruí, que cobriu com uma barragem esse cenário da história no Brasil central.
  - A personagem mencionada na canção é Antonio Conselheiro e a referência é à usina hidrelétrica de Sobradinho, construída sobre o palco de Canudos, cuja saga fora narrada por Euclides da Cunha na obra citada.
  - A obra *Os sertões*, de Euclides da Cunha, narra a batalha de Canudos onde outrora fora o palco daquilo que é hoje a usina hidrelétrica de Paulo Afonso, Bahia, contida na canção de Sá e Guarabira.

07. Leia o texto e responda.

O seu aspecto recorda, vagamente, à primeira vista, o de guerreiro antigo exausto da refrega. As vestes são uma armadura. Envolto no gibão de couro curtido, de bode ou vaqueta; apertado no colete também de couro; calçando as pernas de couro curtido, ainda muito justas, cosidas às pernas e subindo até as virilhas, articuladas em joelheiras de sola; e, resguardados os pés e as mãos pelas luvas e guardapés de pele de veado — é como a forma grosseira de um campeador medieval desgarrado em nosso tempo.

CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. São Paulo: Editora Três, 1984 (Biblioteca do Estudante).

- A) Texto de *Os Sertões*: “A Luta”.
- B) Texto de *Triste Fim de Policarpo Quaresma*.
- C) Texto de *Negrinha*.
- D) Texto de *Os Sertões*: “O Homem”.
- E) Texto de *Os Sertões*: “A Terra”.

• (ESPM – Julho/2006) Leia os textos para a questão 08.

(...) Há uma parada instantânea. Entrebatem-se, enredam-se, trançam-se e alteiam-se fisgando vivamente o espaço, e inclinam-se, embaralham-se milhares de chifres. Vibra uma trepidação no solo; e a boiada estoura... A boiada arranca.

*Os Sertões*, de Euclides da Cunha.

*As ancas balançam e as vagas de dorsos, das vacas e touros, batendo com as caudas, mugindo no meio, na massa embolada, com atritos de couros, estalos de guampas, estrondos de baques, e o berro queixoso do gado Junqueira, de chifres imensos, com muita tristeza, saudade dos campos, querência dos pastos, de lá do sertão...*

“O Burrinho Pedrês”, de Guimarães Rosa.

08. (ESPM – Julho/2006) Marque a afirmação em desacordo com os trechos apresentados.

- A) Um elemento comum em ambos os fragmentos é a enumeração das ações do rebanho durante a condução da boiada.
- B) Há recursos de musicalidade (aliterações) nas palavras (“milhares de chifres. Vibra uma trepidação”, “dos pastos, de lá do sertão”).
- C) Guimarães Rosa preocupa-se com o ritmo e a reorganização da linguagem no fragmento.
- D) O interesse principal na obra de Euclides da Cunha é a apresentação lírica dos hábitos sertanejos e a denúncia do sofrimento pelo trabalho exaustivo de vaqueiro.
- E) A ambientação sertaneja e seus elementos caracterizadores estão presentes em ambos os fragmentos, sem preocupação com juízos sociais.

09. Assinale a alternativa correta a respeito da prosa brasileira dos primeiros vinte anos do século XX.

- A) Euclides da Cunha publicou em 1902 sua obra monumental, *Os Sertões*, romance que narra a trajetória de uma família de retirantes, vítima do flagelo da seca.
- B) Nos seus romances, Lima Barreto enfocava a voz das minorias sociais, num estilo livre que, aos olhos dos parnasianos, não primava pela correção.
- C) Monteiro Lobato preocupou-se com as condições sociais e materiais do sertanejo, resultando disso a postura crítica assumida pelo romancista.
- D) Graça Aranha foi um dos artistas e intelectuais mais respeitados da época em questão. Seu romance *Canaã* relata um fato bíblico, opção muito elogiada pelos parnasianos de então.
- E) Nas duas primeiras décadas do século XX, não houve nenhum escritor que tenha ousado, pela literatura, confrontar o regime republicano vigente na época.

10. A crítica reconhece na poesia de Augusto dos Anjos, como exemplifica a estrofe, a forte presença de uma dimensão

- A) niilista.
- B) patológica.
- C) cósmica.
- D) estética.
- E) metafísica.

• Texto para as questões 11 e 12.

Texto

### O LAMENTO DAS COISAS

Triste, a escutar, pancada por pancada,  
A sucessividade dos segundos,  
Ouço, em sons subterrâneos, do Orbe oriundos  
O choro da Energia abandonada!

E a dor da Força desaproveitada  
— O cantochão dos dínamos profundos,  
Que, podendo mover milhões de mundos,  
Jazem ainda na estática do Nada!

É o soluço da forma ainda imprecisa...  
Da transcendência que se não realiza.  
Da luz que não chegou a ser lampejo...

É, em suma, o subconsciente aí formidando  
Da Natureza que parou, chorando,  
No rudimentarismo do Desejo!

Augusto dos Anjos

11. Em relação ao texto anterior e seu autor, assinale o que for correto.

- A) O poeta revela sua percepção negativa do mundo.
- B) O poeta escamoteia sua angústia diante da inexorabilidade do tempo que marca a dor da Natureza.
- C) O poeta posiciona-se como espectador impotente diante das forças da matéria inaproveitada.
- D) A sonoridade é marcante no poema. Os sons nasais e várias onomatopeias reforçam o tom de lamento introduzido no título.
- E) O que decepciona o poeta é a indiferença de seus semelhantes diante de sua tristeza.

12. Assinale a opção que traz o verso do poema “O lamento das coisas” em que ocorre apossinclise.

- A) “Triste, a escutar, pancada por pancada”.
- B) “Jazem ainda na estática do Nada”.
- C) “Da transcendência que se não realiza”.
- D) “É, em suma, o subconsciente aí formidando”.
- E) “No rudimentarismo do Desejo”.

13. (ESPM) Leia os textos seguintes:

Texto I

(...) O divertimento dele [Macunaíma] era decepar cabeça de saúva. Vivia deitado mas si punha os olhos em dinheiro, Macunaíma dandava pra ganhar vintém.

*Macunaíma*, de Mário de Andrade.

Texto II

Abriu a porta; nada viu. Ia procurar nos cantos, quando sentiu uma ferroada no peito do pé. Quase gritou. Abaixou a vela para ver melhor e deu com uma enorme saúva agarrada com toda a fúria à sua pele magra. Descobriu a origem da bulha. Eram formigas que, por um buraco no assoalho, lhe tinham invadido a despensa e carregavam as suas reservas de milho e feijão, cujos recipientes tinham sido deixados abertos por inadvertência. O chão estava negro, e carregadas com os grãos, elas, em pelotões cerrados, mergulhavam no solo em busca da sua cidade subterrânea.

*Triste Fim de Policarpo Quaresma*, de Lima Barreto.



Pouca saúde e muita saúva, os males do Brasil são! (frase pronunciada por Macunaíma) *Macunaíma*, de Mário de Andrade.

Considerando os fragmentos, as obras como um todo e seus protagonistas, marque a afirmação imprecisa.

- A) A questão dos malefícios ao país causados pelas saúvas é abordada com o mesmo tom de ironia e irreverência pelas duas obras citadas.
- B) *Macunaíma* e Policarpo Quaresma, embora representantes da nacionalidade brasileira, opõem-se ao padrão do herói típico do Romantismo, como Peri, de *O Guarani*.
- C) Embora Lima Barreto utilize uma linguagem não tão acadêmica para os padrões da época, por ser jornalística, também não faz uso de reproduções fonéticas da linguagem popular típicas de Mário de Andrade em *Macunaíma*.
- D) Embora ambas as obras abordem o problema das saúvas, o enfoque dado em *Macunaíma* não é o mesmo do trecho de *Triste Fim de Policarpo Quaresma*.
- E) *Macunaíma*, personagem contraditória definida como sem caráter, pode se divertir e pode ser solene diante de um mesmo tema, no caso, as saúvas.

- Leia o trecho.

O general nada tinha de marcial, nem mesmo o uniforme que talvez não possuísse. Durante toda a sua carreira militar, não viu uma única batalha, não tivera um comando, nada fizera que tivesse relação com a sua profissão e o seu curso de artilheiro. Fora sempre ajudante de ordens, assistente, encarregado disso ou daquilo, escriturário, almoxarife, e era secretário do Conselho Supremo Militar, quando se reformou em general. Os seus hábitos eram de um bom chefe de seção e a sua inteligência não era muito diferente dos seus hábitos. Nada entendia de guerras, de estratégia, de tática ou de história militar; a sua sabedoria a tal respeito estava reduzida às batalhas do Paraguai, para ele a maior e a mais extraordinária guerra de todos os tempos.

BARRETO, Lima. *Triste Fim de Policarpo Quaresma*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1966, p. 46-7.

14. Nesse trecho, o autor enfatiza

- A) a absoluta frustração do personagem nas suas atividades profissionais.
- B) a humildade do personagem, que nunca procurou requerer as prerrogativas do seu posto.
- C) o valor dos serviços prestados pelo personagem, mesmo fora das atribuições inerentes ao seu posto.
- D) a pouca importância dos conhecimentos teóricos, no exercício de determinado cargo.
- E) a incoerência entre o posto do personagem e as funções por ele exercidas.

15. (PUC-RS/2008) Para responder à questão, leia o fragmento do conto "Negrinha", de Monteiro Lobato.

.....  
 Negrinha era uma pobre órfã de sete anos. Preta? Não; fusca, mulatinha escura, de cabelos ruços e olhos assustados. Nasceu na senzala, de mãe escrava, e seus primeiros anos vivera-os pelos cantos escuros da cozinha, sobre velha esteira e trapos imundos. Sempre escondida, que a patroa não gostava de crianças.

.....  
 E tudo se esvaiu em trevas.

Depois, vala comum. A terra papou com indiferença aquela carnezinha de terceira – uma miséria, trinta quilos mal pesados...

E de Negrinha ficaram no mundo apenas duas impressões. Uma cômica, na memória das meninas ricas.

— "Lembra-te daquela bobinha da titia, que nunca vira boneca?"

Outra de saudade, no nó dos dedos de dona Inácia.

— "Como era boa para um cocre!..."

.....  
 Considerando o fragmento anterior, é correto afirmar:

- A) Em "Negrinha", conto-título de livro de Monteiro Lobato, editado em 1920, o autor apresenta, de forma crítica e mordaz, o tratamento cruel a que é submetida a pequena escrava, maltratada até a morte.
- B) Para o pré-modernista Monteiro Lobato, a infância é um período a ser celebrado pela alegria e vontade de viver, tema que anima o conto "Negrinha".
- C) Como escritor romântico, Monteiro Lobato cria a personagem Negrinha como aquela que dá alegrias a Dona Inácia, sua patroa, por estar sempre a seu lado.
- D) Negrinha é uma das personagens mais marcantes da literatura infantil de Monteiro Lobato, o autor que inaugurou o gênero no Brasil.
- E) No conto "Negrinha", Monteiro Lobato relembra uma pequena companheira de infância, vizinha das terras de seu avô.

## Gabarito

01	02	03	04	05
C	B	E	E	C
06	07	08	09	10
D	D	D	B	C
11	12	13	14	15
A	C	A	E	A